

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Voluntariado e a promoção de direitos no planeta.

Relatório Parcial de Pesquisa de **Iniciação Científica**, apresentado a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – Faculdade de Ciências Sociais.

Autor: Jéssica Idalina Ribeiro da Silva

Orientador: Salete Oliveira

SÃO PAULO
MARÇO/2013

Sumário

I. RELATÓRIO DE ATIVIDADES.....	1
II. RELATÓRIO CIENTÍFICO.....	1
1. A ONU e o Voluntariado.....	1
1.1. Informe sobre el estado del voluntariado en el mundo. Valores universales para alcanzar el bienestar mundial.....	4
1.2. Distintos estilos de vida. Voluntarios del mundo - Celebración del décimo aniversario del Año Internacional de los Voluntarios: Compendio conmemorativo.....	9
2. O Voluntariado no Brasil.....	13
3. AIV+10 no Brasil	15
3.1. Voluntariado Brasil 2011.....	16
3.2. Voluntariado Corporativo na Experiência Brasileira.....	16
3.3. Perfil do Voluntariado Empresarial no Brasil III.....	37
4. Voluntariado e a promoção de direitos.....	43
III. PLANO DE TRABALHO.....	49
IV. CRONOGRAMA.....	49
V. BIBLIOGRAFIA	50

RESUMO

O presente relatório apresenta a pesquisa realizada até agora sobre *O voluntariado e a promoção dos direitos do planeta*, no âmbito do projeto FAPESP, *Ecopolítica – novas institucionalizações e resistências na sociedade de controle*. Buscou-se compreender o voluntariado e o contexto que ele vem se formando na atualidade - a sua institucionalização mundial através, principalmente, de diretrizes da Organização das Nações Unidas (ONU), através do Programa das Nações Unidas para o Voluntariado (UNV). Tal fato, acarreta em algumas situações, como a valorização do trabalho coletivo voltado, principalmente, a minorias e grupos considerados vulneráveis e em uma gestão compartilhada do próprio voluntariado do governo dos direitos de minorias exercido por elas próprias. Isto gera negócios, entendidos também como estilo de vida, certificações responsáveis de empresas e ONGs, Estados e organizações internacionais, e ascensão de gestores e empreendedores de seus próprios direitos. Nesse contexto, procura-se sinalizar que o desdobramento do voluntariado em distintas modalidades complementares e os rumos que têm tomado as práticas de voluntariado, que respondendo a governamentalidade neoliberal, podem ser evidenciadas enquanto dispositivo de poder para o controle e governamentalidades da e para a inclusão.

I. RELATÓRIO DE ATIVIDADES

A pesquisa foi desenvolvida sob orientação obtida por meio de encontros do orientador com o grupo, já que dentro do projeto FAPESP, *Ecopolítica, governamentalidade planetária, novas institucionalizações e resistências na sociedade de controle*, há várias pesquisas que envolvem o tema geral e que, de certa forma, se complementam. No primeiro encontro (Agosto/2012), foi iniciada a contextualização dessa iniciação científica dentro do projeto, o levantamento dos documentos, notícias e normativas necessárias, além de da orientação de metodologia de pesquisa e de exposição. Além disso, o projeto conta com um espaço, onde sempre encontramos orientação, livros e espaço para realizar a pesquisa.

Houve um pouco de dificuldade em utilizar o site do Programa de Voluntários das Nações Unidas (UNV), uma das principais fontes, pois, além de estar em inglês, é muito desorganizado cronologicamente e conta com uma interface mal formatada. Utilizando ferramentas da internet e do computador, foi possível organizar as informações encontradas no site, além de existir algumas informações equivalentes em outros portais da Organização das Nações Unidas (ONU).

Ao participar do colóquio, organizado pelo *Núcleo de Sociabilidade Libertária da PUCSP, Transformações da Biopolítica*, realizado para evidenciar os rumos que o projeto FAPESP tem tomado, foi possível captar mais algumas informações. Também foi ministrada uma matéria optativa pela orientadora deste projeto, *Política, tolerância e cultura de paz*, que também acrescentou na compreensão e na reflexão do objeto de estudo.

Ressalto que o trabalho original não sofreu nenhuma alteração.

II. RELATÓRIO CIENTÍFICO

1. A ONU e o Voluntariado.

A cooperação e as relações entre os países sempre foram tensas e comprometidas, por diversos motivos econômicos, sociais, políticos ou étnicos. Visando tal solução, as nações buscaram soluções diplomáticas para a resolução para eventuais conflitos, tais como a Primeira Conferência Internacional para a Paz (1899)¹ ou a Liga das Nações (1919). Atualmente, o mundo dispõe da Organização das Nações Unidas (ONU), fundada em 24 de

¹ Nessa conferência foi instituído o documento *Convenção sobre a Resolução Pacífica de Controvérsias Internacionais (1899)*, disponível em <http://www.gddc.pt/siii/docs/Haia1899.pdf>.

outubro de 1945 com o objetivo de promover o diálogo entre as nações após a Segunda Guerra Mundial².

O ONU tem sua sede oficial em Nova York, sedes em Genebra (Suíça), Viena (Áustria), Nairóbi (Quênia) e escritórios por todo o mundo, possui atualmente 193 países-membros e organiza suas atividades por meio de Programas, Fundos e Agências Especializadas, cujo funcionamento é autônomo, ou seja, cada subgrupo possui seu orçamento, seus funcionários, metas e regulamentações, entretanto todos submetidos à ONU por meio de acordos e convenções internacionais. Todos os subgrupos atuam em uma área específica e prestam auxílio técnico e humanitário, visando o desenvolvimento das nações.

Atualmente, a ONU busca garantir equitativamente a paz mundial, o progresso social das nações, a justiça internacional e o respeito aos direitos básicos e fundamentais do ser humano³. Tais objetivos são atingidos por meio da ação conjunta com os governos de cada nação — em todas as esferas, ou seja, municipal, distrital, estadual, federal e internacional — com a iniciativa privada, instituições de ensino, ONGs (Organizações Não Governamentais) e a sociedade civil⁴.

Buscando formalizar metas e indicadores mais objetivos, a Organização das Nações Unidas elaborou um documento intitulado os *Objetivos do Milênio* (ODM)⁵. Trata-se de oito metas que todos os países vinculados à organização devem buscar atingir até 2015: acabar com a miséria e a fome; educação básica de qualidade para todos; igualdade entre sexos e valorização da mulher; redução da mortalidade infantil; melhorar a saúde materna; combate à AIDS, malária e outras doenças; garantia da sustentabilidade ambiental e da qualidade de vida; trabalho e cooperação mundial pelo desenvolvimento.

Neste trabalho, busco enfatizar as ações promovidas diretamente ou indiretamente pela ONU no campo do voluntariado, uma vez que tal campo de ação é apontado como uma das engrenagens fundamentais para o cumprimento dos Objetivos do Milênio (ODM). Para tal, destaco dois programas: o PNUD e a UNV.

O PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento)⁶, fundado em 1970, é o programa responsável pelo combate à pobreza e pelo desenvolvimento humano e

² *Carta das Nações Unidas (1945)*, disponível em http://unicrio.org.br/img/CartadaONU_VersoInternet.pdf.

³ *Declaração Universal dos Direitos Humanos*, disponível em http://www.pucsp.br/ecopolitica/projetos_fluxos/doc_principais_ecopolitica/projeto_fluxo_declaracao_universal_dos_direitos_humanos_de_1948.pdf.

⁴ Disponível em <http://unic.un.org/imucms/rio-de-janeiro/64/42/reforma-da-onu.aspx>

⁵ *Objetivo de Desarrollo del Milenio 8*, disponível em http://www.pucsp.br/ecopolitica/downloads/ONU_informa_2011.pdf.

⁶ <http://www.undp.org/content/undp/en/home.html>

administra as atividades do Programa de Voluntários das Nações Unidas (UNV)⁷, fundado também em 1970, que é responsável por promover o voluntariado para o desenvolvimento e a paz, destacando uma tripla abordagem: a ajuda mútua, a filantropia e as campanhas.

As principais ações realizadas pelo UNV e pelo PNUD em relação a institucionalização internacional do voluntariado foram: instituição do *Ano internacional do voluntariado* em 2001⁸, resoluções⁹ e planos de ações¹⁰ que levaram à comemoração dos 10 anos do mesmo no dia 5 de dezembro de 2011. Tal comemoração mobilizou gente do mundo inteiro acarretando em uma série de eventos durante o ano todo, essas mobilizações foram esquematizadas em um documento de comemoração intitulado, “*Distintos estilos de vida. Voluntarios del mundo - Celebración del décimo aniversario del Año Internacional de los Voluntarios: Compendio conmemorativo*”¹¹. Porém, o principal documento elaborado também em função da comemoração foi, “*Informe sobre el estado del voluntariado en el mundo. Valores universales para alcanzar el bienestar mundial*”¹², o estudo analisa o voluntariado em 36 países e aponta uma estimativa de 140 milhões de pessoas que fazem trabalho voluntário. .

A ação voluntária ocorre em todos os níveis - municipal, regional, estadual, nacional, internacional - e integra diversos níveis da sociedade civil, do governo e de empresas, formando uma rede disforme do voluntariado. Assim o primeiro relatório global sobre o voluntariado foi elaborado com objetivo de melhorar o reconhecimento, a facilitação e a criação de redes para a promoção do voluntariado em escala mundial.

1.1. “Informe sobre el estado del voluntariado en el mundo. Valores universales para alcanzar el bienestar mundial”.¹³

⁷ <http://www.unv.org/>

⁸

⁹ Res.63/153. *Follow-up to the implementation of the International Year of Volunteers*, disponível em http://www.worldvolunteerweb.org/fileadmin/docdb/pdf/2009/UNV_resources/GA_RES_IYV_10.pdf

¹⁰ Res. 66/67. *Tenth anniversary of the International Year of Volunteers*, disponível em http://www.worldvolunteerweb.org/fileadmin/photodb/IYV_10/Resources/Res66.67_2011.pdf .

¹⁰ *IYV+10 – Global Plan of Action* , disponível em http://www.pucsp.br/ecopolitica/downloads/final_global_pan.pdf .

¹¹ Disponível em http://www.iyvplus10.org/content/dam/unv/PDFs/IYV10Compendium_Es2.pdf .

¹² Disponível em http://www.pucsp.br/ecopolitica/downloads/informe_onu_sobre_voluntariado_no_mundo_2011.pdf .

¹³ Tradução realizada pelo portal Voluntários Online foi usada como referência para o trabalho disponível em <http://www.cbve.org.br/wp-content/uploads/relatriodoestadodovoluntariadonomundo-120409134904-phpapp02.pdf>.

O documento apresentado busca marcar os dez anos da proclamação do ano internacional dos voluntários, tendo a intenção de enfatizar, o que a administradora do PNUD, Helen Clarck, coloca como, “*um potencial ainda não totalmente explorado dos voluntários*” (p.3), além de reafirmar as contribuições das ações voluntárias “*para o progresso, a harmonia e a resiliência (...) das comunidades e nações*” (p.3), tal qual já havia sido reconhecido na proclamação do ano internacional dos voluntários, tendo então, o “*voluntariado como componente essencial de sustentação do progresso das comunidades e nações*” (p.4), assumindo, então, um papel fundamental para o bem estar social do indivíduo e da sociedade. Para justificar tais afirmações, o documento se desdobra em oito capítulos (*CAPÍTULO 1 - Voluntariado é universal; CAPÍTULO 2 - Tomando as medidas do voluntariado; CAPÍTULO 3 - Voluntariado no século XXI; CAPÍTULO 4 - Meios de Subsistência Sustentáveis; CAPÍTULO 5 - O voluntariado como uma força para a inclusão social; CAPÍTULO 6 - Voluntariado, coesão e gestão de conflitos; CAPÍTULO 7 - Voluntariado e Desastres; CAPÍTULO 8 - Voluntariado e Bem-estar*) além de um panorama e a conclusão (*O caminho a seguir*).

Tomando o voluntariado como universal e levando em conta que,

“Primeiramente, não há um consenso sobre o que é o voluntariado e como ele manifesta-se; em segundo lugar, há equívocos generalizados, em contradição dados empíricos e informações anedóticas, que obscurece a natureza e a extensão do voluntariado; e, em terceiro lugar, não há uma concordância metodológica para acessar o volume e o valor da ação voluntária.” (p. 21).

Para definir as ações voluntárias são apresentados três critérios: 1- livre arbítrio, 2- motivação sem fins lucrativos e 3- benefício a terceiros. Além de serem expressas através de serviço formal, apoio mútuo e autoajuda e participação cívica, também são influenciadas pela cultura local e circunstâncias sociais. Tais critérios são definidos com a intenção de centralizar, apesar da amplitude que tais definições podem tomar, indicadores dos alcances do voluntariado internacionalmente. Tal centralização de indicadores é posta como fundamental para o estudo do papel do voluntariado nos objetivos de desenvolvimento traçados pela ONU, uma vez que a medição realizada atualmente pelos países não é uniforme ou inexistente.

Três características que também vêm influenciando a maneira como se configuram as ações voluntárias são: o avanço das tecnologias (internet e tecnologias de comunicação e informação TCI); o envolvimento do setor privado (através da Responsabilidade Social Empresarial SER); os movimentos globais e facilidades de locomoção. Dessa maneira se reconfiguram várias maneiras de participação, fazendo como que as possíveis barreiras do "quem, o quê, quando e onde" (p. 52) quase desapareçam. Dentre os vários desdobramentos que a ampla definição de configuração do voluntariado pode formar, essas três características têm fomentado a formação de: voluntariado online, micro voluntariado, voluntariado internacional, volunturismo, voluntariado de diáspora e voluntariado empresarial.

O conceito de *subsistência sustentável* é colocado na centralidade para relacionar a questão da pobreza e do voluntariado, ele “*compreende capacidades, ativos, que incluem recursos materiais e sociais, e atividades requeridas para meios de vida. Uma subsistência é sustentável quando pode enfrentar e recuperar-se de estresses e choques e manter ou melhorar suas capacidades e ativos, tanto agora quanto no futuro, sem esgotar sua base natural de recursos*” (p. 71). A partir do relatório de 1987 da Comissão Brundtland¹⁴ e o primeiro relatório de Desenvolvimento Humano da PNUD em 1990¹⁵, onde a subsistência sustentável começa a aparecer como uma abordagem de desenvolvimento com centralidade em pessoas.

"A abordagem de subsistência é uma forma de pensar sobre os objetivos, escopo e prioridades para o desenvolvimento. Ela foca em múltiplos recursos, habilidades e atividades que as pessoas utilizam para sustentar suas necessidades físicas, econômicas, espirituais e sociais. Por último, é uma tentativa de redefinir o desenvolvimento em termos do que os seres humanos precisam e, podemos adicionar, em termos de como eles podem contribuir para o bem estar de outros." (p. 71)

Tendo em vista que, “*Condições econômicas frágeis, saúde pobre, acesso limitado ou inexistente a sistemas de saúde e pobreza em geral são incentivos poderosos para as pessoas ajudarem umas às outras e para encontrarem uma voz em comum.*” (p. 71), e sabendo que a subsistência sustentável se complementa através de uma “*abordagem baseada em direitos, preocupada em “dar poder” aos beneficiários do desenvolvimento bem como dar maior*

¹⁴ *Our Common Future*, disponível em <http://www.un-documents.net/our-common-future.pdf> .

¹⁵ Disponível em <http://hdr.undp.org/en/reports/global/hdr1990/> .

legitimidade e força moral às suas demandas." (p. 72), o voluntariado em frente à pobreza deve ser abordado levando em conta algumas esferas: o capital social (recursos sociais, incluindo redes, relações sociais e associações de membros, baseadas na confiança, compreensão mútua e valores compartilhados nos quais as pessoas se utilizam quando há uma necessidade de cooperação); capital humano (habilidades, conhecimentos, habilidade para trabalhar e boa saúde); capital natural (solo, água, florestas e pesqueiros e etc.); capital físico (infraestrutura básica, como estradas, água e esgoto, irrigação, escolas, postos de saúde, energia, ferramentas e equipamentos e etc.); capital financeiro (poupança, crédito, salário, comércio e remessas de dinheiro); capital político (consciência e participação em processos políticos suportados por legislação, políticas públicas e instituições.). Tudo isso faz parte da gama de coisas que devem ser levadas em conta na forma de engajamento das pessoas (como, por que e pra que elas se engajam), principalmente dos pobres, pois a deficiência nessas esferas que abrem um leque nos ativos disponíveis para tal parcela da população se engajar.

Nesse mesmo sentido, o voluntariado se relaciona com a questão da inclusão social como grande fomentador da mesma. A definição do Banco Mundial para inclusão social é, *"processo que assegura que riscos de pobreza e exclusão social ganha a oportunidade e recursos necessários para participar integralmente na vida da economia, social e cultural e para aproveitar um nível de vida e bem estar que é considerado normal na sociedade na qual elas vivem."* (p. 87), a universalidade e a abrangência voluntariado se relaciona com a inclusão social, pois, entre suas contribuições, pode-se elencar algumas que fomentam a inclusão social: propiciar espaços de convivência e atuação na comunidade, ajuda no sentido de pertencer e contribuir, pode ajudar na empregabilidade com a melhora das habilidades sociais e vocacionais das pessoas, providencia serviços básicos, engajamento em campanhas e atividades, com isso, possibilita também a inclusão das minorias, tais como mulheres, crianças, jovens, migrantes, pessoas idosas e etc.

Ações voluntárias são colocadas como essenciais para a coesão social e manejo de conflitos em três estágios: pré-conflito, conflito e pós-conflito. Nesses casos, a capacidade que o voluntariado tem de criar resiliência, através da educação e do treinamento, além das ações voluntárias externas, são a maneira para se perpetuar a paz.

Coesão social é definida como, *"uma variável-chave para entender o modo como as pessoas reagem ao risco de conflitos violentos, sua resposta quando eles ocorrem, e suas ações perante as consequências do conflito. Quanto mais forte a coesão social, mais provável é a formação redes de conexões e interações sociais."* (p. 105), o voluntariado caracteriza

essas redes de conexões e interações sociais, pois sua importância para a sociedade é baseada no seu caráter de fomentador para a força comunitária, solidariedade, coesão social e resiliência, vinculada à grande possibilidade de promover mudanças sociais positivas através do respeito pela diversidade, igualdade e participação de todos. Já que,

"Pessoas que vivem suas vidas em um contexto de tolerância e respeito mútuos, com a ação voluntária como uma das características da harmonia social, são mais propensas a evitar situações de conflito. Uma importante faceta da coesão é a participação recíproca e a ajuda mútua na vida da comunidade, como por exemplo em importantes ritos, cerimônias e eventos relacionados à produção econômica." (p. 105)

No quesito de promoção da paz em relação às situações de conflito, os atores que são vistos com maior potencial através do voluntariado são as mulheres e os jovens, pois as primeiras são colocadas como mais vulneráveis em situações de conflitos violentos, e os segundos pelo crescimento da população de jovens em países conflituosos, principalmente meninos, que podem *"perpetuar a violência e impedir a consolidação da paz"* (p. 109).

Mais uma questão que o voluntariado se apresenta fundamental é sobre os desastres, se apresentando como necessário para a prevenção, para dar respostas e para a recuperação desses casos, como afirmado na citação:

"Os voluntários desempenham um papel fundamental na criação de consciência a respeito da gestão sustentável dos recursos naturais que podem prevenir e mitigar o efeito dos desastres (...). A Conferência destacou o vínculo entre voluntariado e sustentabilidade do meio ambiente em projetos de água e saneamento, silvicultura e gestão dos recursos naturais." (p. 116).

Além disso, A Conferência Mundial de Redução de Desastres em 2005 que definiu o *Marco de Ação de Hyogo 2005-2015 - construir a resiliência das nações e comunidades aos desastres*¹⁶ também reconhece o voluntariado como um dos recursos mais eficazes para reduzir a vulnerabilidade através da construção de resiliência.

Toda essa demonstração seguiu uma linha para chegar ao objetivo em que o voluntariado deve desaguar, nas suas contribuições para a sociedade como um todo, alcançando, junto com outros objetivos, o denominado bem-estar. Em 2009 da Comissão de Medição do Desempenho Econômico e Progresso social, também conhecido como a

¹⁶ Disponível em http://www.integracao.gov.br/cidadesresilientes/pdf/mah_ptb_brochura.pdf.

Comissão Stiglitz, chefiada pelos economistas: Joseph Stiglitz, Amartya Sen e Jean Paul Fitoussi, “concluiu que o PIB não deve ser descartado. No entanto, como um indicador de atividade de mercado, ele falha na captura de muitos fatores que contribuem para o bem-estar humano e o progresso social.” (p. 130), tendo, então, este relatório um potencial impacto na maneira como a sociedade se vê e se organiza, assim gerando novas formas e fazer política e novos indicadores para medir o bem-estar. O definição de bem-estar adotada é:

“a percepção de ter o que você precisa para a vida ser boa”. Para nossos propósitos, adicionamos a ideia de “bem estar social” como um senso de pertencer às nossas comunidades, uma atitude positiva perante os outros, um sentimento de que estamos contribuindo para a sociedade e se engajando em um comportamento pró-social, e uma crença de que a sociedade é capaz de se desenvolver positivamente.”
(p. 131)

O voluntariado se liga ao bem-estar individual e ao bem estar da comunidade, destacando que para o primeiro a principal contribuição é o bem-estar físico, enquanto para o segundo o bem-estar se dá de acordo com a resiliência da comunidade.

O reconhecimento do voluntariado como questão fundamental para a melhora da dinâmica do bem-estar ocupa um lugar central na questão do desenvolvimento, já que, “*ele se aproxima muito da economia ecológica, no contexto de desenvolvimento sustentável e erradicação da pobreza, e não deve ser negligenciado.*” (p. 144), tendo assim, um papel central no alcance dos Objetivos do Milênio (ODM), dessa forma também é uma questão poderosa para os desdobramentos da RIO+20¹⁷.

1.2. “Distintos estilos de vida. Voluntarios del mundo - Celebración del décimo aniversario del Año Internacional de los Voluntarios: Compendio conmemorativo”

Elaborado em 5 de dezembro de 2011 na 73ª Reunião Plenária da Assembleia Geral das Nações Unidas. O documento comemora o 10º Ano Internacional dos Voluntários e busca sistematizar o que foi construído durante todo o ano de 2011 em decorrência da comemoração, destacando o papel de todos os parceiros e interessados em promover os

¹⁷ A Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável (CNUDS), onde foi produzido o documento *Resilient People, Resilient Planet: A future worth choosing*, disponível em http://www.pucsp.br/ecopolitica/downloads/resilient_people_resilient_planet.pdf.

valores do voluntariado e seu importante papel para o desenvolvimento dos Objetivos do Milênio (ODM), sendo que nele está destacada a “Resolução 66/67 da Assembleia Geral das Nações Unidas”.

Resolução 66/67¹⁸

A Resolução 66.67 foi desenvolvida em 05 de dezembro de 2011 para lembrar a Resolução 63/153 de 18 de dezembro de 2008, em acompanhamento da implantação do décimo aniversário do Ano Internacional do Voluntariado.

A atual Resolução reconhece que: O Ano Internacional do Voluntariado ampliou as ações voluntárias mundialmente; o voluntariado como elemento estratégico de grande importância para o desenvolvimento, atuando em áreas como a redução da pobreza, desenvolvimento sustentável, saúde, capacitação de jovens, mudanças climáticas, prevenção e controle de desastres, integração social, ações humanitárias, garantia da paz com a superação da exclusão social e da discriminação; reconhecimento dos esforços de instituições como a ONU por meio do Programa de Voluntários e Federação Internacional das Sociedades da Cruz Vermelha e do Crescente Vermelho¹⁹ em escala global.

Tratando mais especificamente do Ano Internacional do Voluntariado, a Resolução 66/67 organiza 24 pontos relacionados à coordenação e integração das contribuições acumuladas ao longo dos dez anos da data:

1. Parabenizam os dez anos da data e é reconhecido que desde sua criação, a ação voluntária cresceu e se desenvolveu.
2. Reconhecimento da maior integração entre governos, sistema das Nações Unidas, sociedade civil e setor privado, integrados mundialmente. Reforça a necessidade de não medir esforços para a promoção e troca de experiências do voluntariado para fortalecê-lo.

¹⁸ Tradução minha. *Res. 66/67. Tenth anniversary of the International Year of Volunteers*, versão original em inglês disponível em

http://www.worldvolunteerweb.org/fileadmin/photodb/IYV_10/Resources/Res66.67_2011.pdf.

¹⁹ “O Movimento Internacional da Cruz Vermelha e do Crescente Vermelho se dedica a prevenir e aliviar o sofrimento humano durante guerras e emergências como epidemias, inundações e terremotos. O Movimento não é uma organização isolada. É formado pelo Comitê Internacional da Cruz Vermelha (CICV), pela Federação Internacional das Sociedades da Cruz Vermelha e do Crescente Vermelho e pelas 188 Sociedades Nacionais.” Fonte: <http://www.icrc.org/por/who-we-are/movement/overview-the-movement.htm>

3. Elogios aos voluntários, nacionais e internacionais, no combate a desastres ambientais por todo o mundo, como as enchentes no Brasil e o terremoto ocorrido no Japão em Março de 2011.
4. Elogios pela integração entre voluntariado e esportes, principalmente na organização e execução de eventos como as Olimpíadas e Paralímpadas, assim, contribuindo para a promoção da paz.
5. Reconhecimento da importância do voluntariado para o desenvolvimento social e econômico, incluindo ações de ajuda mútua e autoajuda da sociedade civil.
6. Encorajamento do suporte dos Estado-Membros a desenvolver plataformas de informação e conhecimento que contribuam local, regional, nacional ou mundialmente, para a troca de experiências do voluntariado, assim, permitindo sua adaptação, ampliação e implementação de maneira eficaz.
7. Encorajamento da adoção de medidas que protejam e sejam positivas, assim encorajando a prática do voluntariado e sua promoção.
8. Reafirmar a relevância de todas as práticas de voluntariado, cujo objetivo será beneficiar todos os segmentos da sociedade, incluindo mulheres, crianças, jovens, idosos, deficientes, minorias, imigrantes e excluídos social ou economicamente.
9. Reconhecimento da importância das organizações da sociedade civil para a promoção do voluntariado e a necessidade do dialogo e interação entre Estado Membros, Organização das Nações Unidas e sociedade civil para a promoção do voluntariado.
10. Reforçar que o voluntariado contribui para o desenvolvimento humano e convidar os Governos a criar bases de integração fortes e coesas de voluntários em esferas locais, nacionais, regionais e mundiais.
11. Reconhecimento das medidas já adotadas pelos governos na promoção do voluntariado e reforço da necessidade de que tais ações devam ser mantidas.
12. Afirma a necessidade de reconhecer e integrar o voluntariado em suas diversas organizações dentro dos organismos da ONU. Além disso, reforça o papel importante do voluntariado em conferências internacionais e na organização da ONU a médio e longo prazo.
13. Reforçar o papel decisivo das relações estabelecidas entre os diversos parceiros envolvidos com o voluntariado, incluindo a sociedade civil. Tais relações devem facilitar a organização e cooperação do voluntariado dentro de um ambiente favorável à sua prática. Também se afirma a necessidade da expansão do voluntariado corporativo, ou seja, a parceria com empresas que incentivam a participação de seus funcionários.

14. Parabensam-se as atividades realizadas pelos voluntários em atividades relacionadas à comemoração do décimo aniversário do Ano Internacional do Voluntariado. São citadas conferências e consultas realizadas em 2011 ao redor do mundo que fortaleceram a imagem do voluntariado, incentivando sua expansão por meio de formas de recrutamento novas, como o voluntariado online.

15. Ênfase na ideia de que o ponto central do voluntariado é a relação “pessoa-pessoa”. Salienta a necessidade de construir e fortalecer redes colaborativas entre voluntários e os variados parceiros em escala local, nacional, regional e global.

16. Parabensam-se o engajamento de comitês nacionais e corpos de coordenação na promoção do décimo aniversário do Ano Internacional do Voluntariado, fortalecendo a necessidade de melhorar as redes de comunicação e parceria que possibilitam a troca de experiências e práticas.

17. Reconhecimento da necessidade de reforçar a ligação entre voluntários locais e internacionais com o objetivo de facilitar a globalização das oportunidades de voluntariado.

18. Ênfase na importância do voluntariado como dispositivo para se alcançar os Objetivos do Milênio.

19. Ênfase na importante contribuição do voluntariado e da participação individual e coletiva para o desenvolvimento sustentável.

20. Reforça que o voluntariado é um meio de integrar jovens, desenvolver lideranças que buscam sociedades mais pacíficas e inclusivas. Simultaneamente, estes jovens desenvolvem suas capacidades e conhecimentos, assim possibilitando que se tornem mais aptos ao mercado de trabalho.

21. Pede trabalho conjunto entre Governos e o sistema das Nações Unidas com outras organizações envolvidas com o voluntariado para que, assim, contribuam com melhorias de segurança e proteção dos voluntários.

22. Incentiva o treinamento dos voluntários para que trabalhem dentro das regras e costumes locais ou nacionais vigentes.

23. Decidido que as duas plenárias voltadas ao seguimento do Ano Internacional do Voluntariado e a comemoração do décimo aniversário serão realizadas da seguinte maneira:

a) Na abertura da plenária a ser realizada em cinco 05 de dezembro de 2011, anúncios e declarações serão realizadas pelo presidente da Assembleia Geral, o Secretário Geral, os

representantes de cinco grupos regionais, o representante do país anfitrião e pelo Coordenador Executivo do Programa de Voluntários das Nações Unidas.

b) Após a abertura da plenária, o lançamento do primeiro relatório “O estado do Voluntariado no Mundo”⁴ que contará com a participação do Administrador do Programa de Desenvolvimento das Nações Unidas, o principal autor do relatório e dois voluntários das Nações Unidas pré-selecionados.

c) Deseja-se um relatório completo para a marca do décimo aniversário do Ano Internacional do Voluntariado, assim como recomendações para integração do voluntariado em paz e desenvolvimento na próxima década e nas seguintes, levando em conta o pedido feito ao Secretário Geral, que deverá fornecer informações sobre o assunto à Assembleia Geral na sexagésima sétima sessão, intitulada “Desenvolvimento Social”.

Como se nota, a Resolução 66/67 busca enfatizar a expansão do voluntariado e sua importância para o desenvolvimento e melhoria das condições de vida dos povos nos dez anos passados desde a intitulação do Ano Internacional do Voluntariado. Mais que isso, a Resolução coloca o voluntariado como ferramenta fundamental para que tal processo de desenvolvimento social e econômico seja contínuo. Para tal, incentiva a *integração* entre as diversas esferas envolvidas (Governo, ONU, sociedade civil, empresas, etc.), *fortalecimento de uma rede* que integre e compartilhe experiências positivas do voluntariado em nível local, nacional, regional e mundial, *expansão* do voluntariado através de diversas formas de recrutamento.

2. O Voluntariado no Brasil

No Brasil, o voluntariado se apresenta com um caráter multifacetado, não está presente somente com as atividades coordenadas diretamente pelo PNUD e pelo UNV – o país conta com a iniciativa de diversas organizações, órgãos do Estado e empresas que cooperam mutuamente, formando parcerias e redes que coordenam o trabalho voluntário, especialmente para a formação e capacitação de jovens e crianças.

Destaco as ações da *Rede Brasil Voluntário* (RBV)²⁰, *Instituto C&A*²¹ e do *Conselho Brasileiro de Voluntariado Empresarial* (CBVE)²².

A *Rede Brasil Voluntário* (RBV), foi criada em 1997 por iniciativa dos Centros de Voluntariado (CVs) de Curitiba, Florianópolis, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e São Paulo, com a intenção de contribuir para um impacto mais efetivo do voluntariado na sociedade brasileira, organizando a oferta e a demanda do voluntariado no país. Além dos CVs, também estão em destaque como fundadores da RBV, a UNV, a Ação Voluntária, os Parceiros Voluntários e a Voluntários em Ação. A RBV, juntamente com o UNV e com o PNUD, promove a Semana Brasil Voluntário²³, visando os ODM, não por acaso, na semana no dia 5 de dezembro por ser a data de comemoração do Dia Internacional do Voluntariado, instituído pela ONU em 1985.

O *Instituto C&A* foi fundado em 5 de agosto de 1991 para fornecer – na primeira via – a educação de crianças e adolescentes do Brasil e – na segunda via – organizar um programa de voluntariado que envolve os funcionários da empresa. Todo o projeto e práticas da instituição estão em concordância com quatro princípios básicos, todos respaldados pela Constituição Brasileira de 1988, pela Declaração Universal dos Direitos Humanos, a Convenção sobre o Direito das Crianças e o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA – Lei Federal no. 8.069/90): a dignidade da pessoa humana, a igualdade de direitos, a participação social e a correspondência pela vida social. Todos expressam ideais de paz, liberdade e justiça social. O Instituto C&A promove a educação e a cultura, seja por apoio financeiro ou ações sociais, sendo estipulado US\$ 93 milhões e cerca de 1,6 mil ações sociais. Sua atuação se dá

²⁰ <http://www.redebrasilvoluntario.org.br/>

²¹ <http://www.institutocea.org.br/>

²² <http://www.cbve.org.br/>

²³ Informações disponíveis em

http://www.acaovoluntaria.org.br/index.php?area=rede_brasil_voluntarios

através de comitês espalhados por todo país e parcerias com instituições públicas e privadas como creches, centros de convivência, associações, centros educacionais, ONGs, etc.

O *Conselho Brasileiro de Voluntariado Empresarial* (CBVE) é uma rede de empresas, institutos e fundações empresariais que desenvolvem programas de voluntariado empresarial com sede no Rio de Janeiro. Este Conselho foi criado em função de uma carência de informações relacionadas ao voluntariado empresarial, fenômeno recente na história do voluntariado brasileiro – o engajamento social de empresas é questão nova, reconhecida na década de noventa, e, conseqüentemente, não dispõe de uma base qualitativa e quantitativamente sólida de informações e resultados conhecidos. Buscando corrigir tal carência, o CBVE foi criado para sistematizar as ações práticas já realizadas e criar reflexões teóricas sobre o assunto, assim, construindo uma base mais consistente sobre as características, modalidades, resultados e perspectivas do voluntariado empresarial.

Tal conjunto de conhecimento se desenvolve por meio de workshops, reuniões, relatórios, congressos e pesquisas que possibilitam a coleta e troca de dados, informações e experiências obtidas pelas empresas envolvidas. Através destas atividades, o CBVE desenvolve indicadores e estratégias que melhoram a atividade do voluntariado empresarial, visto como: (a) ferramenta de enorme potencial para o desenvolvimento de uma sociedade mais justa e (b) ferramenta de formação de empreendedores sociais e de incremento da marca no mercado. No ano de 2012 foi lançada a pesquisa *Perfil do Voluntariado Empresarial no Brasil III*²⁴.

Atualmente o CBVE conta com as seguintes empresas: *Accenture; Banco Bradesco; Carrefour; Fundação Itaú Social; Fundação Telefônica Vivo; Gerdau; Instituto C&A; Instituto Camargo Corrêa; Instituto HSBC Solidariedade; Instituto Unibanco; Itaipu Binacional; Light; MetrôRio; Mondelez; International; Petrobras; PwC; Santander; Shell; Souza Cruz; TV Globo; Unimed-Rio; Vale; Wilson, Sons.*

Percebe-se que no Brasil a institucionalização do voluntariado, nos moldes que ele vem sendo construído, se deu pela lei Nº 9.608, de 18 de fevereiro de 1998²⁵, na mesma época em que foram fundados Rede Brasil Voluntário e os comitês voluntários nas principais empresas estatais, início do movimento do voluntariado empresarial, que hoje representa o CBVE, apesar dessa prática ter começado a se consolidar no país no final dos anos 1980 e

²⁴ Disponível em <http://www.cbve.org.br/wp-content/uploads/Pesquisa%20Perfil%20do%20Voluntariado%20Empresarial%20no%20Brasil%20III%20-%202012.pdf>.

²⁵ Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9608.htm. Acesso em 08/03/2013

primórdio dos 90. Essas instituições, predominantemente empresariais, são a referência da prática do voluntariado no país.

3. AIV+10 no Brasil.

*Conferência Internacional do Voluntariado 2001 +10 = 2011: A Década do Voluntariado*²⁶: Conferência organizada em decorrência do 10º Ano Internacional dos Voluntários, entre os dias 15 e 17 de dezembro de 2011, pela *Rede Brasil Voluntário* (RBV) e pela representação do PNUD no país, procurou discutir o papel do voluntariado para alcançar os Objetivos do Milênio (OMD). Além disso, a iniciativa visava mobilizar e promover o voluntariado no país por meio do diálogo e da participação de organizações sociais, empresas, governos e cidadãos. A proposta era orientar e capacitar voluntários, mobilizar novos voluntários, fortalecer a cultura do voluntariado e promover o resgate da cidadania. Nesse evento, também foram lançadas, a campanha “O Planeta é Voluntário. E você?”²⁷, que visa sensibilizar as pessoas a se dedicarem a causas de interesse coletivo, sendo coordenada pelo PNUD e patrocinada por empresas privadas, e a pesquisa nacional sobre o voluntariado no Brasil, realizada pelo IBOPE, “*Voluntariado Brasil 2011*”²⁸.

O livro “*Voluntariado Corporativo na Experiência Brasileira*”, organizado pela *Vale* também está interligado à comemoração do 10º Ano Internacional dos Voluntários. Apresenta os programas de cada uma das empresas participantes até então na CBVE, como se organizam, as formas de atuação de cada uma e a articulação entre elas, além de sistematizar atitudes que devem ser predominantes em todas elas e as interlocuções com outros âmbitos desse tipo de atuação para além do empresarial. O voluntariado nesse âmbito é posto como o meio de mobilização social para o crescimento da responsabilidade social dentro as empresas, que querem fazer parte da solução e não do problema com a criação desses programas, visando atingir e interferir na formação, principalmente, de crianças e de jovens, pela transformação da sociedade e a salvação do planeta.

²⁶ Informações disponíveis em

<http://conferencia.redebrasilvoluntario.org.br/Pressrelease%2017nov.pdf>

²⁷ Informações disponíveis em <http://www.pnud.org.br/Noticia.aspx?id=2561>

²⁸ Disponível em <http://www.slideshare.net/RedeBrasilVoluntario/voluntariado-no-brasil-ibope>

3.1. “Voluntariado Brasil 2011”

A pesquisa “*Voluntariado Brasil 2011*” foi realizada em dezembro de 2011 com 1.500 pessoas de idade acima de 16 anos em Brasília, Manaus, Curitiba, Salvador, Fortaleza, Porto Alegre, Rio de Janeiro e São Paulo, buscando abarcar pessoas das classes ABCDE. A partir de tais entrevistas feitas pelo IBOPE e pela Rede Brasil Voluntário, foram analisadas a *Participação da população brasileira em serviço voluntário*, o *Perfil do voluntário* e as *Características do serviço voluntário*.

Estimasse que 25 % da população fazem ou já fizeram trabalho voluntário, sendo 55% do voluntariado é jovem, entre 16 e 39 anos. Apontam também que as práticas voluntárias estão vinculadas 49% dos casos com instituições religiosas, seguida por 25% de instituições de serviços sociais, 12% de associações de bairro, 10% de instituições educacionais, 9% de instituições de saúde, 6% em centro de voluntariados, 3% espaços públicos, 3% de ações organizadas por empresas, 2% por órgão do governo e 2% de outros. As ações voluntárias estão voltadas 40% para o público geral e 39% voltada para crianças e jovens. Uma pesquisa de 2001 apontou que 18% das pessoas declararam que faziam ou tinham feito serviço voluntário. Na última pesquisa, o número aumentou consideravelmente, para 25% dos entrevistados, 1. Desse percentual, 11% prestam serviços voluntários atualmente.

3.2. “Voluntariado Corporativo na Experiência Brasileira”²⁹

Wanda Engel busca mostrar o papel importante e benéfico do voluntariado empresarial em conjunto com as ações do Estado, tanto para as empresas quanto para a sociedade.

Antes disso, procura se discutir a transformação das ações de caridade em responsabilidade social individual e organizacional e compreender de que forma o voluntariado corporativo se consolidou como prática e conceito.

Um breve apanhado histórico do voluntariado no Brasil é realizado: Na Colônia por meio de Santas Casas e instituições religiosas, já no século XX nas décadas de 50 e 60 com envolvimento de movimentos partidários e sindicais, na década de 70 com o envolvimento de ONGs, principalmente as estrangeiras, adeptas da transformação social, nos anos 80 e 90 com a eclosão de diversas organizações da sociedade civil e da ação conjunta com o governo federal (Centros de Voluntariado, Lei do Voluntariado, Ação da Cidadania contra a Fome, a Miséria e pela Vida, Campanha Solidária, etc.), Como se nota, a década de 90 em especial criou um ambiente favorável para a expansão do voluntariado no Brasil e preparou o terreno para a atuação das atividades propostas em 2001 pelo Ano Internacional do Voluntário.

A década do voluntariado 2001 – 2011

O novo século teve como grande marco a expansão do voluntariado empresarial. Essa expansão se deu em função das exigências feitas às empresas de contribuírem com responsabilidade social, entendida como a ética responsável nas decisões dos negócios, e investimento social, entendida como os investimentos feitos para o progresso da sociedade. Assim, as empresas passaram a ser cobradas por uma atitude sustentável e de transformação; a alternativa mais adequada, por unir e desenvolver os dois conceitos citados, foi o voluntariado empresarial.

Este tornou-se fundamental pelos impactos de grande escala que podem alcançar – as empresas passaram a figurar como agentes capazes de transformar efetivamente a realidade brasileira, portanto, o voluntariado no país recebeu novos “recursos”: além do voluntariado tradicional, baseado em atitudes pontuais, de pequena escala (limpeza de ruas, visita a asilos e hospitais, doação de alimentos e orientações de cuidado com a saúde, etc.) – incapazes de atingir uma grande parcela da sociedade – adiciona-se a atuação de grandes grupos capazes de concentrar ações por todo país de forma contínua e em grande escala.

O que a sociedade ganha com o voluntariado empresarial

A sociedade ganha com a formação de jovens e crianças, foco de maior atuação das ações do voluntariado empresarial, assim, permitindo a criação de capital humano dentro de um desenvolvimento sustentável, desenvolvendo a promoção de direitos aos mais marginalizados, criando um ambiente de maior solidariedade e confiança na sociedade e aproximando mundos tão separados pelas desigualdades sociais, econômicas e culturais existentes. Trata-se de uma prática onde empresa, colaboradores e beneficiados saem ganhando a curto, médio e longo prazo.

O que a empresa ganha com o voluntariado empresarial

Em um mercado competitivo, onde as empresas produzem sem tanto desnível tecnológico, a empresas que se mostram responsáveis socialmente e que investem em tal prática ganham consumidores.

As próprias empresas precisam cada vez mais de colaboradores mais flexíveis e preparados para lidar com diferentes situações. O voluntariado empresarial pode, por exemplo, desenvolver tais competências que, simultaneamente, contribuirão com o desenvolvimento de capital social e de competências de seus funcionários.

Como aumentar a efetividade do voluntariado empresarial: uma proposta de gest

encontra-se. Tal sistema, em perfeita execução de forma integrada com a prática, possibilita que a empresa tome as decisões corretas para que se atinjam os objetivos traçados; 3) divisão de responsabilidades no projeto, com a criação de núcleos e comitês menores. Tal divisão aumenta o sentimento de pertencimento de cada membro e esclarece as funções e expectativas de cada um. 4) criar mecanismos que tornem o trabalho voluntário convidativo ao colaborador e que lhe ofereça reconhecimento pela atividade para que mantenha-se motivado. Isso se faz através de ferramentas de comunicação efetivas e do reconhecimento da meritocracia da atividade, seja por promoções, aumento salarial, reconhecimento público, etc. 5) estimular a capacitação dos colaboradores, ou seja, cria-se um ambiente que favoreça o desenvolvimento das faculdades do voluntário.

- 2) O voluntariado corporativo existe na prática e é utilizado como mecanismo estratégico para atingir metas de negócio. O senso de responsabilidade cidadã, o engajamento em fazer a diferença para a transformação do mundo são estimulados, bem como a capacitação de novos perfis de colaborador, com o desenvolvimento do trabalho em equipe e de lideranças.
- 3) O voluntariado empresarial engloba atividades, abordagens e estruturas de gestão diversificadas. Não há uma receita para seu sucesso, uma vez que as condições (naturais, culturais, políticas, econômicas, sociais, etc.) variam de país para país. Existe o interesse de expandir o voluntariado empresarial à uma escala global, mas o mais importante é que se garanta recursos para uma gestão eficaz e condizente com as metas e objetivos traçados.
- 4) O voluntariado empresarial tem se adaptado às variações e peculiaridades das localidades onde atuam, questão fundamental para o funcionamento eficiente do voluntariado.

Os desafios

O perigo de ser um ativo estratégico: O voluntariado empresarial sempre se apoiou no trio “bom para a comunidade, bom para os funcionários, bom para a empresa” (p. 32), mas reconhece-se que manter o equilíbrio entre os três elementos é complicado, principalmente em um mundo de constante mudanças onde as próprias empresas reconhecem que o voluntariado é cada vez mais um diferencial de mercado.

Modelos conceituais: Os programas de voluntariado empresarial seguem quatro modelos-mestre, sendo a) focado nos negócios, onde o voluntariado é um ativo estratégico para agregar valor à marca da empresa, b) serviços sociais, onde o objetivo é ajudar os mais necessitados, geralmente instituições de caridade, c) desenvolvimento social, onde busca-se estimular os colaboradores a combater os problemas, mudar as condições, desenvolver autossuficiência e d) desenvolvimento humano, que busca estimular o engajamento social e o desenvolvimento pessoal do colaborador.

O problema a ser combatido é que muitas empresas não estão planejando seu modelo em conformidade com o que querem ser ou como querem agir.

Definição: Questiona-se muito se o trabalho voluntário corporativo é de fato voluntário. Por exemplo, quando se concede a possibilidade do funcionário utilizar o tempo de trabalho para realizar determinada atividade “voluntária” ou um funcionário de ONG que usufrui de horários diferenciados ou quando um indivíduo é incluído, como voluntário, em alguma função obrigatória de determinado projeto.

Equilíbrio Programático: Questiona-se como equilibrar estratégias das empresas que praticam o voluntariado. É melhor engajar muitos funcionários em uma ação de impacto a curto prazo e imediato ou apostar em projetos de impacto maior, tanto em tempo quanto em beneficiados, com poucos funcionários e que apresentem maior comprometimento e qualificação?

Inclusão: O problema levantado é perfeitamente compreendido neste trecho escrito por Allen, “[...] com a crença alegada no valor do voluntariado como um ativo estratégico para ajudar a cumprir com metas de engajamento e desenvolvimento de funcionários surge a questão

Em seu texto, o voluntariado é apresentado como uma experiência onde todos saem ganhando: o voluntário sente-se mais pertencente à sua sociedade e/ou comunidade ao trabalhar para melhorar a vida das pessoas, ele estabelece o contato entre governo e órgãos voluntários com as comunidades que se beneficiam com o trabalho, ele cria contatos e relações pessoais com outros voluntários e desenvolve sua noção de cidadania e solidariedade; a comunidade se beneficia com os resultados das ações e toma maior consciência de sua realidade, pensando em mecanismos de atuação própria para transformação da mesma; as empresas, que praticam ações voluntárias, ganham ao incrementar sua imagem diante da sociedade, geram capital social e humano – a medida que desenvolvem a cidadania, a solidariedade e os potenciais e habilidades dos funcionários – e até capital financeiro, uma vez que caso investissem nestas atividades no sistema tradicional assalariado, talvez não contassem com o mesmo desempenho de seus profissionais e ainda teriam que arcar com tais investimentos.

Tratando mais especificamente do voluntariado corporativo, a autora reconhece a atividade como fundamental, pois considera as empresas com grupos de grande potencial para atrair um número de voluntários e parceiros para o desenvolvimento de projetos.

Planejamento e Participação

Desde a formalização do AIV (Ano Internacional do Voluntário), foi possível consolidar o impacto da atividade voluntária e a cada vez mais recorrente necessidade de “profissionalizar” a atividade, de maneira a capacitar os envolvidos, desenvolver estratégias e metas.

Ela pontua a necessidade da integração entre, empresas, governos e sociedade civil para que seja possível transformar, de fato, a vida das pessoas. A autora ainda afirma que desde o AIV é possível associar à causa voluntária uma parcela de contribuição para atingir os Objetivos do Milênio e que a expansão do voluntariado corporativo é importante para que o projeto continue.

Eixos de mobilização corporativa

O VNU trabalha com parcerias junto ao setor privado, reconhecendo o voluntário empresarial e a relação empresa-comunidade. O VNU entende que há voluntariado corporativo sempre que “estimula os próprios funcionários a prestar serviço voluntário em

projetos de desenvolvimento social. Por outro lado, os projetos no âmbito das relações empresa-comunidade abrangem o apoio corporativo para uma comunidade específica.” (p. 46) Tal relação se dá em ordem inversa: o VNU também torna-se parceiro de empresas, uma vez que essas precisam apresentar ações que criem responsabilidade social.

Revolução Online

As novas tecnologias contribuem também para o desenvolvimento do voluntariado e transformação da realidade. Um dos recursos oferecidos pela internet e as redes sociais é o voluntariado online, que atraiu pessoas que não se sentiam aptas ou seduzidas pela atividade voluntária ou que não possuem tempo hábil para deslocamentos físicos.

Embora reconheça os avanços, a autora ainda afirma que o enraizamento conceitual sobre o voluntariado é forte: as pessoas ainda o entendem como uma oferta de serviço social. Ela afirma a necessidade de mudar tal ideia e mostrar que existe um valor agregado à ação voluntária e que ela traz benefícios, até econômicos ao seu praticante.

Capítulo 4 - O voluntariado empresarial e a construção de uma sociedade mais justa e solidária, por Anna Maria Peliano³³

O estudo do voluntariado no Brasil demonstra que os investimentos neste campo estão em processo constante de redução. O texto busca mostrar que embora os números alcançados com a atividade voluntária já tenham sido relevantes, as condições sociais do país continuam preocupantes e precisam da continuidade de investimento. Mais que isso, é necessário enraizar uma organização social baseada na “solidariedade e justiça social” (p.51), se faz necessário “institucionalizar o compromisso social apregoado pelas corporações e estabelecer condições para o diálogo com a sociedade” (p.51)

³³ Socióloga e pós-graduada em Política Social pela UNB. Foi coordenadora do Núcleo de Estudos da Fome da UNB e coordenou a elaboração do Mapa da Criança e do Mapa da Fome que subsidiou o trabalho de Herbert de Souza, o Betinho, na Campanha Nacional contra a Fome (1993). Dirigiu a Área de Política Social do IPEA e foi Secretária-Executiva da Comunidade Solidária. Atualmente é membro do Instituto de Estudos Avançados- IEA/ USP e coordenadora da área de Responsabilidade Social do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA, em cujo âmbito se desenvolveu a pesquisa “Ação Social das Empresas”, um estudo inédito que mapeou o comportamento social das empresas brasileiras.

O Brasil progrediu e avanços foram notados, entretanto as estatísticas relacionadas às condições de vida e bem-estar continuam muito baixos para um país com tamanha riqueza e economia em regular avanço.

As iniquidades sociais, raciais, de gênero, econômicas, etc. continuam existindo e, cada vez mais, se chega a um consenso que o Estado é um principal responsável pela criação e aplicação de políticas e estratégias que resolvam, ou que pelo menos amenizem o quadro, os problemas, entretanto, também se reconhece que sua atuação isolada não é suficiente – se faz necessária a ação conjunta de instituições, sociedade civil, empresas para que as transformações sociais sejam realidade.

A autora reconhece que há um preconceito com o voluntariado, pois este é frequentemente associado a práticas:

“[...] assistencialistas, clientelistas, de apadrinhamento e de tutela. Práticas essas insuficientes para promover as mudanças necessárias

da mesma forma não vê o poder público com capacidade eliminar todos os problemas. As dificuldades encontradas por diversas comunidades e grupos não se resumem a vida prática (falta de renda e/ou emprego, falta de saneamento básico, violência, etc.) – a questão é estrutural e um novo modelo de desenvolvimento precisa ser elaborado com trabalho conjunto de todos os segmentos da sociedade:

Leyla Nascimento busca enfatizar os benefícios do voluntariado empresarial como modelo de desenvolvimento de pessoas, sendo este um ponto central de sua administração. As empresas tomaram consciência de que a ação voluntária, além de beneficiar comunidades e grupos que precisam de algum auxílio, também desenvolve habilidades e aptidões de seus funcionários que são refletidas diretamente no seu desempenho profissional. É um ciclo de benefícios para a empresa, o colaborador e para a sociedade que é autossuficiente, onde seus resultados alimentam a repetição do mesmo.

O funcionamento do mundo corporativo está em constante mudança e a necessidade de inovar o modelo de se gerenciar exige renovação regular, tudo em função do dinamismo da globalização, das revoluções tecnológicas que mudaram as relações pessoais, o acesso a informação, a mudança dos valores, etc. Atualmente, a relação mundo interno-externo – o individuo funcionário e o individuo homem/cidadão – exige conciliação, ou seja, as empresas que desejam se destacar precisam oferecer gestões que equilibrem as duas realidades, que deem aos funcionários ambientes mais adequados, lideranças que os integrem e estratégias que acompanhem a mudança dos valores (ética, empreendedorismo e social)

Para a autora, a experiência voluntária é um indicador fundamental para as empresas solucionarem tal dificuldade.

Texto elaborado por Bruno Ayres, que reflete a respeito dos processos tecnológicos oferecidos pela internet. Estuda o alcance e impacto das redes sociais, blogs, vídeos, etc. na vida *offline*. Mais do que refletir sobre tais processos, há uma reflexão a respeito do papel da internet como suporte para a consolidação e expansão do voluntariado.

O voluntariado se expandiu a partir de 2001, com a criação do Ano Internacional do Voluntariado. A partir desta data, as oportunidades de voluntariado tem crescido e estão cada vez mais no centro de discussão, por oferecer soluções práticas aos problemas mundiais.

O autor, no entanto, reflete sobre o estereótipo do voluntariado, sempre associado à uma visão institucionalizada: a maioria da sociedade civil, governos e mídia propagam o conceito de voluntariado burocrático e arraigado a um modelo fortemente consolidado, ou seja, o voluntariado é toda prática que segue programas e modelos formais; contrariando tal estereótipo, o autor procura mostrar que as oportunidades oferecidas pela internet abrem possibilidades para a iniciativa voluntária que fogem do modelo formal disseminado: além da capacidade de divulgação de redes sociais, o autor cita processos como o crowdfunding ou crowdsourcing, que possibilitam a livre iniciativa dos indivíduos como co-autores ou colaboradores da atividade voluntária, assim, a internet possibilita que sejam realizadas atividades voluntárias com maior criatividade e independência.

Modelo distribuído de contribuição

A tecnologia transformou as formas de colaboração. Ao invés de concentrar as atividades nas mãos de poucas pessoas, o interessante é expandi-la a vários colaboradores. Mesmo que todos não contribuam efetivamente com a mesma intensidade, a integração e colaboração em massa garantem diversidade, independência e criatividade ao processo. Um exemplo dado pelo autor é a Wikipédia, enciclopédia online aberta a todos tanto para consulta quanto para edição de conteúdos.

Voluntariado em rede

³⁵ Empresário. Administrador com mestrado em Ciência da Informação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. É co-fundador e Diretor Executivo do V2V.net (Portal do Voluntário) e Conselheiro do Centro Ruth Cardoso.

O voluntariado em rede citado pelo autor possibilita que haja uma contribuição direta dos colaboradores. Ele cita a rede que participou da criação chamada V2V, onde possibilitou que colaboradores anteriormente habituados apenas a consumir projetos pré-estabelecidos por terceiros, transformaram-se em produtores de trabalho voluntário. Assim, há uma expansão da rede de voluntários que conta com os projetos de pequeno porte, elaborados pela ação de um indivíduo ou pequeno grupo, e de grandes corporações. O sucesso de tais práticas estimula a expansão do voluntariado e uma participação cada vez mais ativa.

Redes Sociais e Voluntariado

O autor reflete a respeito dos dois temas e reconhece que “a maneira pela qu

missão e objetivo bem claro, assim, a diversidade de ideias, experiências e pensamentos não aparece em situação de conflito e sim de colaboração, diálogo e conciliação.

A perspectiva de Reinaldo é que o voluntariado pode ser o canal que conectará realidades e permitirá a aproximação das diferenças e superação de preconceitos enraizados que refletem as desigualdades sociais, econômicas, culturais, etc. O autor afirma que:

consolidados, mas valoriza o trabalho prestado por pelo voluntários e organizações envolvidas com a causa, pois contribuem para a transformação e desenvolvimento do país, trazendo maior bem-estar e qualidade de vida às pessoas.

A Pastoral da Criança possui números consolidados e estes são apresentados no texto: Fundada em 1983 com o objetivo de levar cuidados e qualidade de vida para gestantes e crianças, a Pastoral hoje atende 3.926 municípios, com 228.122 voluntários e 123.891 líderes comunitários que atenderam 78.849 gestantes e 1.516.602 crianças em 2010. Conforme dados levantados pelo IBGE, o índice de mortalidade infantil no país em 2009 foi de 23,3 óbitos no primeiro ano de vida para cada mil crianças nascidas vivas; a mesma estatística em 2010 levantada para as crianças acompanhadas pela Pastoral cai para um índice de 9,5.

Os números são levantados a partir de relatórios mensais que dão um parâmetro dos resultados obtidos e quão próximos ou distantes estão das metas estabelecidas.

Embora os números sejam relevantes, deixa-se claro que os impactos do trabalho não exclui ou diminui a responsabilidade do Estado na prestação de serviços básicos. O que se deixa claro com o conteúdo produzido por Clóvis é que o trabalho realizado foi fundamental para a transformação de vida de muitas pessoas, tanto do colaboradores quanto de beneficiados:

“Novos caminhos

O autor conta sobre suas experiências voluntárias como professor de alfabetização no Centro Acadêmico da Fundação Getúlio Vargas, vice-presidente da Fundação SOS Mata Atlântica, diretor do Instituto de Ecoturismo

As empresas se preocupam em motivar seus funcionários; para o autor, a garantia de espaços para o voluntariado já garantiriam a motivação dos funcionários e impactariam positivamente o trabalho.

O escritor ainda discute o conceito de trabalho: ele sugere que o trabalho não deve ser associado com ganhar dinheiro, tirar seu sustento e sim com as atividades exercidas. Trabalhar não é simplesmente ter o ganha-pão.

3.3. Perfil do Voluntariado Empresarial no Brasil III⁴⁰

Também é importante apresentar a pesquisa *Perfil do Voluntariado Empresarial no Brasil III*, feita pela CBVE desde 2007, já que essa configuração de ação voluntária é muito forte no país.

O Conselho Brasileiro de Voluntariado Empresarial (CBVE) tem como objetivo em primeira instância, compreender melhor o alcance do voluntariado empresarial no Brasil e, posteriormente, mobilizar e pensar em dispositivos que tornem mais eficazes as ações do mesmo. Para tal, o Conselho elaborou um estudo, abrangendo a maioria dos Estados, intitulado *Perfil do Voluntariado Empresarial no Brasil III*, este realizado pelo Pro

Parte 1 – Perfil das Empresas Participantes

Voluntariado empresarial é a maior vertente do país, sendo responsável por 81% da participação, sendo 62% de empresas nacionais, 19% de multinacionais, 2% de empresas estatais, 1% de economia mista e 16% classificados como Outros. Considerando o ramo de atuação, constatou-se a seguinte classificação: Serviços – 57,01%, Indústria – 25,23%, Comércio – 17,76%.

Outro dado interessante é a concentração maciça na região Sudeste, responsável por 82,72% do voluntariado empresarial. Segue-se a região Sul com 17,28%, Nordeste com 8,64% e Centro-Oeste com 6,17%. A região Norte não apresentou números para figurar nas estatísticas.

Em relação à coordenação do voluntariado empresarial, observa-se que poucas empresas possuem um setor específico voltado a tais ações. Conforme a pesquisa, 82% das empresas designam um setor da empresa já existente para tal atividade. Tais números demonstram que, embora o voluntariado empresarial seja predominante no país, as empresas ainda estão no começo do processo gerencial do mesmo – a maioria das mesmas direcionam o gerenciamento do voluntariado a equipes e ou setores que já possuem alguma outra tarefa para se preocupar.

Conforme a pesquisa, a prática do voluntariado empresarial se dá por variados motivos. Os três mais citados foram*⁴¹: o desenvolvimento social da comunidade ao redor da empresa, correspondendo a 50,7%, O desejo da empresa de ser reconhecida como socialmente responsável que corresponde a 46,4% das respostas, fator que fortalece sua imagem diante do público e a contribuição para uma cultura interna de cidadania, correspondente a 43,5%.

Ao estudar a motivação que iniciou as ações voluntárias nas empresas, a pesquisa chegou a duas importantes conclusões: o aumento considerável de empresas que incentivaram o voluntariado com o objetivo de desenvolver capacidades e competências dos funcionários (aumento de quase 21% no período entre 2007 e 2012, correspondente a 28,99% das respostas) e a melhoria do clima organizacional (18,8% das respostas). Assim, a pesquisa conclui que o voluntariado empresarial contribui diretamente para a formação de profissionais mais motivados e mais qualificados, ponto positivo também para a empresa.

⁴¹ O asterisco (*) significa que nas pesquisas realizadas e apresentadas na pesquisa, as empresas puderam dar mais de uma resposta à questão realizada

Parte 2 – Perfil das Ações Voluntárias

A empresa, entendida como ator social, precisa ser capaz de modificar a vida de quem é voluntário e de quem se beneficia com tais atividades e, para tal, precisa ter programas e ações de atuação bem definidas. Para melhorar compreender a atuação social, foi traçado um perfil das ações praticadas no Brasil. Conforme os estudos realizados, houve um retrocesso em relação à política de voluntariado definida pelas empresas: Em 2010, 71,9% possuíam uma política de voluntariado bem definida e 85,9% seguiam um programa institucionalizado. Em 2012 os números retrocederam para 51,5% e 69,7% respectivamente.

Em relação a regularidade e iniciativa* das ações, em 62,1% as ações são sistemáticas e em 89,3% dos casos a iniciativa vem da empresa que contribui em 92,4% das vezes com o suporte financeiro e material.

Ainda em relação a frequência, os dados apontam que as atividades voluntárias ainda são mais frequentes em datas comemorativas como Dia das Crianças, Páscoa, Natal, Dia Internacional ou Nacional do Voluntário, correspondendo a 61,5% ou em ações específicas como Campanhas de Doação (alimento, vestuário, etc.) e Campanhas Emergenciais (Enchentes, incêndios, etc.) que sinalizam 41,54% e 35,38% respectivamente, uma vez que são pontuais e não exigem grande esforço por parte dos organizadores e voluntários. Outro indicador alto é o de projetos sólidos e institucionalizados, ao contrário dos citados anteriormente, que visam estimular a educação e diminuir os altos índices de evasão, repetência e analfabetismo funcional: as atividades regulares organizadas em ONGs ou escolas correspondem a 60% das ações.

Conclui-se dos números relacionados aos tipos de atividades que ações que demandam planejamento e tempo, por serem contínuos e apresentar resultados a médio e longo prazo, costumam mobilizar um número menor de voluntários e, na mesma direção, atraem menor interesse por parte dos organizadores. Para efeito comparativo, eventos pontuais como doações, auxílio as vítimas de calamidades ambientais e eventos comemorativos alcançam números superiores a 50% de frequência isoladamente, enquanto projetos como aulas de idioma, informática ou reforço escolar não somam individualmente nem 10%.

Outro aspecto abordado foi o tempo dedicado às ações voluntárias. Conforme números levantados, 71,2% dos empregados têm permissão para realizar as atividades voluntárias dentro do horário de trabalho, todavia 75,8% encaixam tais atividades pós-expediente.

As empresas buscam incentivar a participação de seus funcionários nas ações sociais e, para tal, precisam elaborar estratégias. De acordo com a pesquisa, as t

Os quatro pilares gerenciais e organizacionais para a prática de um voluntariado empresarial de sucesso* são: planejamento estratégico – 67,7%, estrutura (espaço físico, recursos materiais e funcionários qualificados) – 58,1%, orçamento anual destinado para investir nas ações – 56,5% e política de incentivo às ações voluntárias – 53,2%.

A pesquisa também aponta quem são considerados os mais beneficiados pelo voluntariado empresarial*: Comunidade – 72,58%, colaborador voluntário – 62,9% e público-alvo direto das ações – 61,29%, instituições sociais – 54,84% e empresa – 45,16%.

Considerando os dados supracitados, a pesquisa também detalha quais são os benefícios que cada um dos favorecidos obtém com o voluntariado empresarial:

A comunidade: melhora na relação comunidade-empresa; melhora nas condições de vida da comunidade e acesso a novas oportunidades.

O colaborador voluntário: consolidação de valores de cidadania, onde os direitos sociais são respeitados e valorizados; fortalecimento do espírito de equipe e desenvolvimento de habilidades e competências.

O público-alvo: Expansão da rede de relações sociais, sendo que “são essas relações que, quando baseadas em laços de confiança, reciprocidade e solidariedade, aumentam a coesão social entre os diversos grupos da sociedade, contribuindo efetivamente para o crescimento do capital social” (p 41); melhora na qualidade de vida e na relação com a empresa.

As instituições sociais: Aumento na rede de relações sociais, fundamental para a continuidade dos projetos desenvolvidos; transparência das atividades realizadas perante a sociedade; melhora na gestão e obtenção de resultados.

A empresa: Melhora na relação empresa – comunidade; consolidação de valores éticos no seio da organização; desenvolvimento do trabalho em equipe e valorização da imagem da marca perante a sociedade e mercado.

A pesquisa *Perfil do Voluntariado Empresarial no Brasil III* conclui nesta sessão a importância dos dados coletados, uma vez que somente a partir do conhecimento de resultados obtidos pelas ações será possível identificar os erros e acertos da experiência prática: a concretude do voluntariado só poderá ser percebida se houver, por parte das empresas, monitoramento e avaliação das ações voluntárias desenvolvidas por seus colaboradores. Faz-se necessário, portanto, que as empresas estabeleçam metas e meçam os resultados alcançados. Desta forma, as organizações poderão gerar indica

4. Voluntariado e a promoção de direitos.

A noção de *ecopolítica*, colocada e elaborada por Passetti⁴² e explorada no projeto coordenado pelo mesmo, *Ecopolítica, governamentalidade planetária, novas institucionalizações e resistências na sociedade de controle*, emerge na *sociedade do controle*, essa, anunciada por Foucault⁴³ e situada por Deleuze⁴⁴. Ultrapassando a *sociedade disciplinar* analisada por Foucault, que no âmbito da *biopolítica* se interessava pelo controle e a normalização dos corpos, interessa agora o controle do corpo-planeta, tendo a lógica da captura pela inclusão, “agora, qualquer um e qualquer coisa pode estar incluído em função da ampliação e fortalecimento da segurança dos cidadãos, dos trabalhadores, dos empresários e dos programas”⁴⁵, além da segurança tem por base também a confiança e a tolerância, convocando “à participação de cada um nos múltiplos fluxos”⁴⁶

A *governamentalidade* tal qual Foucault concebe, consiste no conjunto de *dispositivos de poder* que gerem três fundamentos básicos: o governo, a economia política e a população. Tais dispositivos de poder são construídos, tal como nos mostra em *Do governo dos vivos*, onde apresenta a noção de governo pela verdade, um deslocamento da noção de *saber-poder*, e mostra que há uma relação entre o exercício do poder e a manifestação da verdade.

Nesse sentido, procuro sinalizar através da análise das documentações, normativas, resoluções e etc., os rumos que têm tomado as práticas de voluntariado, que respondendo a governamentalidade neoliberal, podem ser evidenciadas enquanto dispositivo de poder para o controle e governamentalidades da e para a inclusão.

O voluntariado vem se desdobrando em distintas modalidades complementares – voluntariado, voluntariado empresarial, voluntariado corporativo, voluntariado social,

⁴² PASSETTI, Edson. (2012) *Ecopolítica: governo do planeta para um futuro melhor*. São Paulo: Projeto Temático Ecopolítica – Relatório 2011. Disponível em <http://www.pucsp.br/ecopolitica/downloads/ecopolitica.pdf> e PASSETTI, Edson. “Poder e anarquia. Apontamentos libertários sobre o atual conservadorismo moderado”, In Revista Verve, São Paulo: Nu-Sol, v. 12, 2007.

⁴³ FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: história da violência nas prisões*. Trad. de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 2000 e FOUCAULT, Michel. *O nascimento da biopolítica*. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

⁴⁴ DELEUZE, Gilles. *Post-Scriptum: sobre as sociedades de controle*. In: Conversações. Trad. de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1992.

⁴⁵ PASSETTI, Edson. “Poder e anarquia. Apontamentos libertários sobre o atual conservadorismo moderado”, In Revista Verve, São Paulo: Nu-Sol, v. 12, 2007, p. 12

⁴⁶ *Idem*

voluntariado online, voluntariado internacional e etc. Na forma que se apresenta atualmente o voluntariado, pode ser encarado com um dos elementos tanto do funcionamento tecnologias de poder como de novas formas que assumem a governamentalidade, pois, entendendo-o como um dispositivo de inclusão na sociedade de controle, que tem a ecologia como saber articulador, está diretamente ligado a criação de uma nova subjetividade relacionada à grande missão de salvação do planeta para as gerações futuras, gerando novas condutas através da participação de cada um, onde a “natureza” assume um papel preponderante como reguladora das relações de poder/saber estabelecidas tanto no nível “macro” quanto no “micro”, ou seja, ela é perpassa pelo indivíduo, Estado, comunidades, empresas e etc. Assim, no âmbito da ecopolítica e seus dispositivos de atuação, o voluntariado assume um papel fundamental, seja para reformular ou criar novos padrões e ações políticas, econômicas e sociais.

O voluntariado é posto como uma prática universal, ou seja, se diz presente em todas as sociedades, dessa forma várias práticas podem ser encaixadas nesse termo. A ONU, através da UNV, busca centralizar o entendimento sobre ele, traçando um objetivo mais geral - o de promover o *bem-estar* - que, em linhas gerais, implica em formar povos *resilientes* em nome da *segurança* da vida humana, para a garantia de um planeta possível para as gerações futuras, por ele é que se busca tornar viável a participação de todos. Os critérios utilizados para definir ações voluntárias tornam possível a institucionalização mundial dessa prática.

A promoção do voluntariado institucionalizada mundialmente acarreta duas situações: a valorização do trabalho coletivo voltado, principalmente, a minorias e grupos considerados vulneráveis e em uma gestão compartilhada do próprio voluntariado do governo dos direitos de minorias exercido por elas próprias. Isto gera negócios, entendidos também como estilo de vida, certificações responsáveis de empresas e ONGs, Estados e organizações internacionais, e ascensão de gestores e empreendedores de seus próprios direitos.

No caso mais específico do voluntariado empresarial, além dos efeitos da institucionalização mundial do voluntariado, a institucionalização por meio legal e com a criação de comitês, redes de compartilhamento de práticas e informações, assume maior importância na promoção da gestão compartilhada de direitos das minorias, já que, nessa formulação, ele é afirmado como o grande agente das mudanças sociais e assumindo o papel de agente fomentador principal da articulação da *responsabilidade social*, na *gestão de resultados*, termos chave da atuação dos institutos empresariais. Sendo que, essa forma de atuação, a empresarial, toma centralidade no tratamento dos problemas sociais, no sentido em que, “A mesma eficiência do campo empresarial foi empregada, agora para contribuir com a

solução dos problemas sociais”⁴⁷, tornando-se parâmetro de avaliação das chamadas políticas públicas,

“Não tardou para essa lógica de avaliação e monitoramento ser incorporada na chamada gestão pública, em especial nas gestões municipais, precisamente por força dessas novas organizações, que passaram a pressionar os governos para adotarem o mesmo princípio de transparência e gestão de resultados”⁴⁸

Afirmado como estratégia imprescindível para “a redução da pobreza, o desenvolvimento sustentável, saúde, capacitação da juventude, a mudança climática, prevenção de desastres e de gestão, a integração social, a ação humanitária, construção da paz e, em particular, a superação exclusão social e discriminação (...)”⁴⁹ entendendo também a sociedade do controle como a “sociedade dos empregos”⁵⁰, a gestão compartilhada de direitos articulada pelo voluntariado corresponde à lógica da ecopolítica, que “se interessa pela vida do planeta, a saúde ambiental e da pessoa saudável e produtiva em seu interior”⁵¹, o voluntariado como forma de “engajar”, assume um papel importante na captura e detentor de resistências, pois, por meio dele busca-se a formar pessoas, funcionários, cidadãos melhores, onde,

“A cada um, desde a criança até o cidadão, cabe cumprir parte nos cuidados, zelos e tolerâncias com mínimas condutas e protocolos internacionais, em função da defesa da continuidade da vida na terra e da sua projeção no universo, não mais compreendido enquanto infinitude, mas em expansão”⁵²

Tanto nos funcionários das empresas em seus programas, quanto nos considerados vulneráveis, guardadas as proporções, aquilo que Foucault aponta em *O nascimento da*

⁴⁷ AUGUSTO, Acacio. “Penalizações a céu aberto, uma política planetária”, in Revista Ecopolítica IV, p.93 . Disponível em <http://revistas.pucsp.br/index.php/ecopolitica/article/view/13062>. Acesso em 08/03/2013

⁴⁸ *Ibidem*, p.94

⁴⁹ UNITED NATIONS. “A/RES/66/67”. Disponível em http://www.worldvolunteerweb.org/fileadmin/photodb/IYV_10/Resources/Res66.67_2011.pdf. Acesso em 08/03/2013

⁵⁰ PASSETTI, Edson, op. cit., p. 32

⁵¹ *Idem*

⁵² *Ibidem*, p. 35

biopolítica (2008) sobre o entendimento do indivíduo como capital humano e o empreendedorismo de si cunhado pelo neoliberalismo americano. Assim, cada um assume sua responsabilidade frente à salvação do planeta e para isso deve se capacitar para tal, assim, cada indivíduo vira alvo como via de acesso às condutas de governo, com foco nas crianças e jovens, assim como na chave da biopolítica, seguindo uma racionalidade ligada a toda essa construção de desenvolvimento sustentável, direitos humanos, igualdade de direitos e etc., todos participando de todos os âmbitos numa gestão compartilhada de direitos de minorias. Pela ação voluntária, como forma de inclusão, que os vulneráveis são capturados e normalizados.

Nessa mesma lógica, o do voluntariado correspondendo à lógica de detentor de suportabilidade, pode ser compreendido através da problematização da resiliência feita por Salete Oliveira em *Política e Resiliência – apaziguamentos distendidos*,

“Está-se diante hoje da propalação política da resiliência e seus efeitos distendidos dos apaziguamentos de confrontos como conceito, como prática, como gestos muito ordinários, mínimos mesmo, neste nivelamento, neste revestimento de mil vestes que encontram seu nome justo e justificado na proliferação de direitos em camadas justapostas de uma concha protetora, conservadora.”⁵³

Já que ele é colocado como um dos grandes fomentadores da resiliência, logo pode ser entendido como apaziguador e como o que contém resistências no sentido em que se torna um dispositivo de poder atravessando novos arranjos da governamentalidade neoliberal.

“em variados espaços, no resílio otimizador de capacidades que buscam encontrar sua adequação adaptativa na resiliência, superando, contornando as denominadas vulnerabilidades. O resílio empreendedor “de gente”, transmutando os ranços do desempenho, da competência em performance eficiente. Em sua atividade incessante de

⁵³ OLIVEIRA, Salete. “Política e Resiliência – apaziguamentos distendidos”, in Revista Ecopolítica IV, p.107. Disponível em <http://revistas.pucsp.br/index.php/ecopolitica/article/view/13067/9568>. Acesso em 08/03/2013.

restaurações diante de degradações como forma de governo de restauração do vivo.”⁵⁴

Há também que se compreender que o voluntariado também é aclamado pela *segurança*, chave que pode ser compreendida pela problematização feita por Sven Opitz sobre a *securitização* como redimensionamento do *soberano* no neoliberalismo, onde,

“As atuais conclamações por segurança revelam simultaneamente descentralização, delimitação e multiplicação de estratégias de segurança entre jogadores sub-nacionais, nacionais e supranacionais. Em nome da segurança políticas se espalham rizomaticamente, utilizam novas tecnologias e, assim, dispersam sua dinâmica”⁵⁵

Centralizado como uma política que deve ser adotada em nome da resiliência em questões de tragédias, violência, situações de risco, vulnerabilidades, se encaixa na questão em que Opitz exemplifica com a situação do terrorismo, *“Em nome da segurança, indivíduos se prontificam a abandonar suas posições de meros espectadores passivos para tornarem-se parte de uma comunidade vigilante e pró-ativa na coleta de informações, capaz de tomar medidas contra ameaças em potencial.”⁵⁶*, que no caso do voluntariado, pode ser articulada em nome de múltiplas seguranças apoiadas em conceitos como ambiental, social, humana e etc.

Para além ir além com a questão da segurança e do voluntariado, há a problematização feita em *Segurança planetária, entre o climático e o humano*, por Thiago Rodrigues, onde,

“a identificação de problemas globais, como a defesa dos direitos humanos e a degradação ambiental, produzem novos conceitos de segurança que, ao identificar problemas setoriais (segurança ambiental/climática; segurança humana; segurança energética, segurança econômica, segurança societal, etc.) acabam por produzir um continuum de securitizações voltado simultaneamente à proteção do

⁵⁴ *Idem*

⁵⁵ OPTIZ, Sven. “Governo não ilimitado – o dispositivo de segurança da governamentalidade não-liberal”, in *Revista Ecológica II*, p. 9. Disponível em <http://revistas.pucsp.br/index.php/ecopolitica/article/view/9075>. Acesso em 08/03/2013.

⁵⁶ *Ibidem*, p. 8

indivíduo e do planeta, dos fluxos de informação e dos de capital, da contenção de conflitos e sua gestão”⁵⁷

Além disso, o voluntariado, também está na base da promoção de seguranças que abandonam o caráter coercitivo e adotam um, “(...) *preventivo, associado a organizações da sociedade civil (ONGs locais e transterritoriais) para produzir novos arranjos e táticas de governo das pessoas, dos fluxos produtivos e do planeta (a bioesfera, os oceanos, o entorno sideral).*”⁵⁸

⁵⁷ RODRIGUES, Thiago. “Segurança planetária, entre o climático e o humano”, in Revista Ecopolítica III, p. 32. Disponível em <http://revistas.pucsp.br/index.php/ecopolitica/article/view/11385>. Acesso em 08/03/2013.

⁵⁸*Ibidem*, p.33

III. PLANO DE TRABALHO

[Inserir, ele deve contemplar atividades e metodologia indicando também o tempo de cada atividade. Veja ele dá conta do que é o cronograma acompanhado de metodologia]

IV. CRONOGRAMA

Meses	7	8	9	10	11	12
Atividades						
Levantamento bibliográfico						
Coleta de notícias						
Levantamento documentação da ONU						
Sistematização Bibliográfica						
Sistematização Documentos						
Sistematização Notícias						
Participação em Seminários Int.						
Relatório Final						

V. BIBLIOGRAFIA

- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: história da violência nas prisões*. Trad. de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 2000
- FOUCAULT, Michel. *O nascimento da biopolítica*. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Organizado por Roberto Machado. São Paulo: Graal, 2012.
- PASSETTI, Edson. “Poder e anarquia. Apontamentos libertários sobre o atual conservadorismo moderado”, In *Revista Verve*, São Paulo: Nu-Sol, v. 12, 2007, pp. 11-43.
- PASSETTI, Edson. (2012) *Ecopolítica: governo do planeta para um futuro melhor*. São Paulo: Projeto Temático Ecopolítica – Relatório 2011. Disponível em <http://www.pucsp.br/ecopolitica/downloads/ecopolitica.pdf>
- OPTIZ, Sven. “Governo não ilimitado – o dispositivo de segurança da governamentalidade não-liberal”. Tradução de Talita Vinagre. In *Revista Ecopolítica*, n. 2, p. 3-36.
- AUGUSTO, Acácio. “Penalizações a céu aberto, uma política planetária”. In *Revista Ecopolítica*, n. 4, p. 87-104.
- RODRIGUES, Thiago. “Segurança planetária, entre o climático e o humano”, in *Revista Ecopolítica*, n. 3, p. 05-41.
- OLIVEIRA, Salete. “Política e Resiliência – apaziguamentos distendidos”, in *Revista Ecopolítica*, n.5, p.105-129.
- IBOPE. “Voluntariado Brasil 2011”. Disponível em <http://www.slideshare.net/RedeBrasilVoluntario/voluntariado-no-brasil-ibope>
- FUNDAÇÃO VALE (2011). *Voluntariado Corporativo na Experiência Brasileira* - Disponível em <http://www.cbve.org.br/?p=2115>.
- Primeira Conferência Internacional para a Paz (1899). *Convenção sobre a Resolução Pacífica de Controvérsias Internacionais*. Disponível em <http://www.gddc.pt/siii/docs/Haia1899.pdf>.
- ONU (1945). *Carta das Nações Unidas*. Disponível em http://unicrio.org.br/img/CartaONU_VersoInternet.pdf.
- ONU (1948). *Declaração Universal dos Direitos Humanos*. Disponível em http://www.pucsp.br/ecopolitica/projetos_fluxos/doc_principais_ecopolitica/projeto_fluxo_de_claracao_universal_dos_direitos_humanos_de_1948.pdf.
- ONU (2000) *Objetivo de Desenvolvimento do Milênio 8*. disponível em http://www.pucsp.br/ecopolitica/downloads/onu_informa_2011.pdf
- ONU (2008). *Res.63/153. Follow-up to the implementation of the International Year of Volunteers*. Disponível em http://www.worldvolunteerweb.org/fileadmin/docdb/pdf/2009/UNV_resources/GA_RES_IYV_10.pdf.
- ONU (2011). *Res. 66/67. Tenth anniversary of the International Year of Volunteers*, disponível em http://www.worldvolunteerweb.org/fileadmin/photodb/IYV_10/Resources/Res66.67_2011.pdf.
- PNUD (ONU) (1990). *Relatório de desenvolvimento humano 1990*. Disponível em <http://hdr.undp.org/en/reports/global/hdr1990/>
- PNUD (ONU) (2005). Conferência Mundial de Redução de Desastres, *Marco de Ação de Hyogo 2005-2015 - construir a resiliência das nações e comunidades aos desastres*. Disponível em http://www.integracao.gov.br/cidadesresilientes/pdf/mah_ptb_brochura.pdf
- UNV (ONU) (2010). *IYV+10 – Global Plan of Action*. Disponível em http://www.pucsp.br/ecopolitica/downloads/final_global_pan.pdf

UNV (ONU) (2011).“*Distintos estilos de vida. Voluntarios del mundo - Celebración del décimo aniversario del Año Internacional de los Voluntarios: Compendio conmemorativo*”. Disponível em

http://www.iyyplus10.org/content/dam/unv/PDFs/IYV10Compendium_Es2.pdf .

UNV (ONU) (2011).“*Informe sobre el estado del voluntariado en el mundo. Valores universales para alcanzar el bienestar mundial*” .Disponível em

http://www.pucsp.br/ecopolitica/downloads/informe_onu_sobre_voluntariado_no_mundo_2011.pdf

ONU (1987). *Relatório da Comissão Brundtland, Our Common Future*. Disponível em

<http://www.un-documents.net/our-common-future.pdf>

VALE (2012). *Perfil do Voluntariado Empresarial no Brasil III*. Disponível em

<http://www.cbve.org.br/wp-content/uploads/Pesquisa%20Perfil%20do%20Voluntariado%20Empresarial%20no%20Brasil%20III%20-%202012.pdf> .

SITES

ONU

<http://www.onu.org.br/>

PNUD-Brasil

<http://www.onu.org.br/onu-no-brasil/pnud/>

UNV

<http://www.unv.org>

<http://www.worldvolunteerweb.org>

Voluntariado C&A

<http://voluntarios.institutocea.org.br/>

Rede Brasil Voluntário

<http://www.redebrasilvoluntario.org.br/>

Conselho Brasileiro de Voluntariado Empresarial

<http://www.cbve.org.br>

<http://agenciabrasil.ebc.com.br/noticia/2011-12-05/mais-de-140-milhoes-de-pessoas-em-todo-mundo-sao-voluntarias-mostra-relatorio-da-onu>